

Lição Áurea

"Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro." O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo VI, item 5.

A visitação ao segundo andar continuava rica de lições. Já passavam das dezenove horas, e o ambiente estava calmo. Os pacientes aprontavam-se para o recolhimento e o repouso. O professor, após prestar as informações a Marcondes, convidou-o para conhecer um cooperador valoroso que estava de passagem naquela noite.

— Não posso acreditar!... Meu Deus! Doutor H.?!⁽¹⁾
O senhor por aqui!

— A seu rogo. Sou eu mesmo. E o senhor é?...

— Sou Marcondes, um admirador de sua obra. Graças ao senhor, o movimento espírita foi presenteado com os magníficos livros da literatura mediúnica de Francisco Cândido Xavier. Jamais supus que um dia nos encontraríamos.

— Nada fiz além de editá-los. Nada de especial – falou com espontânea humildade.

— Modéstia sua Doutor H.!

— Posso lhe pedir um favor? – falou o valoroso trabalhador.

— Claro!

— Não me chame de doutor. Isso me faz muito mal.

— Como queira. Perdoe-me a ofensa.

— Não se trata de ofensa. Não há o que perdoar. Tal referência evoca recordações que tenho esforçado por esquecer. Causa-me um incômodo.

— Compreendo perfeitamente!

— Prefiro apenas o nome H., e já é demais.

— Imagino quantos dividendos de paz sua alma carrega em função da tarefa.

— Nem tanto, Senhor Marcondes! Nem tanto...

— Qual o motivo de sua alegação? O senhor pode ser chamado o “pai” da literatura mediúmica espírita. O movimento deve-lhe o tributo de construir o maior parque gráfico espírita do mundo.

— O movimento não me deve nada. Ao contrário, eu, sim, sou um devedor insolvente.

— Com tanto êxito em sua tarefa?!

— Equívoco, meu amigo. Pura ilusão! Somente depois que largamos o mundo físico, avaliamos com nitidez as expressões de arrogância e grandeza às quais, em muitas ocasiões, entregamo-nos em nome do serviço cristão.

— Arrogância?!

— Costumamos operar muito por fora de nós, esquecendo, voluntariamente, o labor de sossegar a consciência e construir a paz interior. A tarefa do livro certamente beneficiou e beneficia milhões de corações, contudo tive meus desvios clamorosos... Por mim mesmo, pouco fiz. Na condição de intérprete do pensamento cristão, durante séculos sucessivos, venho carregando a culpa da adulteração nas letras evangélicas. A tarefa do livro espírita seria minha alforria...

— E não foi? – interrompeu Marcondes.

— Não!

— Por qual razão?

— Não resisti à prova e cometi as mesmas falhas. Nós, espíritas, precisamos rever algumas concepções sobre o que nos espera após a morte. Ao imaginarmos que quantidade de realizações é sinônimo de vitória, cometemos grave erro conceitual. Em nome das crenças que acalentei, semeei o joio em diversas oportunidades. No intuito de fortalecer a imagem e o alcance da organização unificadora à qual servi durante décadas, tomado de sincera honestidade de ideais, acabei por descuidar novamente em relação às celestes mensagens entregues pelo Pai às minhas decisões... Conquanto acolhido e amparado por benfeitores amorosos que me estimulam a pensar no êxito, não consigo livrar-me da desagradável sensação de angústia ao recordar o mal que poderia ter evitado caso edificasse o bem sem fronteiras nas duras linhas do sacrifício... Amei. Amei muito, é verdade. Todavia dirigi meu amor para casas e valores perecíveis. Mesmo o livro espírita, esse tesouro inestimável, é apenas um recurso de crescimento. Apenas o bem eterno permanece na intimidade. Regozijo-me em saber que, ainda nessas condições, sou reverenciado por Tutores Maiores com créditos imorredouros. Mas aqui estou eu, Marcondes... Livre para o recomeço... E, não tenha dúvida, apesar das lutas da consciência, sou alvo de misericórdia infinita.

— Não consigo acreditar! Quem diria que também os trabalhadores da unificação teriam seus tropeços!

— E por que não? Não somos falíveis como qualquer outro?

— Sim, mas...

— Já sei o que quer dizer: nós que ocupamos as fileiras unificadoras passamos uma imagem de muita capacidade.

— O senhor me desculpe, pois começamos a conversar

e, quando vejo, já passei dos limites! Se preferir, posso evitar o assunto.

— Não se perturbe por mim. Depois de quase três décadas nesta esfera, já melindrei tudo que tinha para melindrar.

— De fato, era justamente o que desejava expressar! Essa imagem perfeita foi a que formei das organizações e líderes da unificação.

— Vá se acostumando, amigo. Poucos superam o teste da autenticidade.

— O problema da hipocrisia?

— Não se trata de hipocrisia, e sim de orgulho. Através dos papéis sociais que representamos perante a coletividade, enredamo-nos em complexo processo psicológico e emocional. Raríssimos homens públicos conseguem expressar-se com honestidade emocional à sua própria consciência. Quase sempre, escondemos nossa sensação de inferioridade e impotência atrás dos cargos que impressionam a multidão, com idéias de grandeza e valor espiritual. De minha parte, essa atitude onerou-me com conflitos medonhos que até hoje me perturbam a marcha.

— Como vencer tal prova, H.? Também tive minhas derrotas nessa área!

— Aprendendo o auto-amor. Quando nos amamos como somos não encontramos motivos para nos encantar com exterioridades. A vida espiritual revela-se como sendo uma caixa de surpresas para o nosso entendimento. Por mais dilatadas informações doutrinárias, sempre haveremos de rever e ampliar muitos conceitos neste plano.

— O senhor poderia dar-me uma noção clara dessa questão?

— Em meu caso, por exemplo, seria de se esperar, obviamente, a continuidade do trabalho ativo junto às fileiras unificadoras, depois do decesso carnal; contudo não foi o que ocorreu...

— ? ...

— Nos primeiros anos, cheguei a cooperar mais de perto com os rumos da organização que dirigi. Porém as lutas intestinas e os aspectos íntimos de meus companheiros pesaram sobremaneira em meu psiquismo, vindo a infringir-me danoso estado emocional. Em verdade, o problema, antes de tudo, era meu, e não deles. Depois da morte, passamos a enxergar “demais” e...

— E passamos a entender o lado subjetivo das atitudes humanas?!

— Exatamente. Passei a presenciar diálogos, idéias, propostas e, até mesmo, manipulações lamentáveis que me causaram terrível desajuste. Volto a dizer: os problemas não eram eles, e sim minhas próprias recordações. Em muitas ocasiões, agi de igual forma ou até pior. Só que, agora, percebo com mais nitidez e realidade os efeitos indesejáveis de nossas ações. Consegui aquilatar com mais clareza a extensão do sentimento de posse e a fascinante sensação de poder. Pobre de nós os servidores do Cristo, se não iniciarmos uma acirrada campanha a favor da diversidade e do desprendimento das ilusórias folhas de serviço!... Diante de semelhantes fatos, não tive opção; fui transferido para outras atividades no intuito de aprender a servir, cultivando a alegria de realizar sem controlar, fazer sem me sentir o maior.

— E o senhor não costuma ter...

— Recaídas?

— Não desejo constrangê-lo, apenas aprender.

— O senhor não me constrange. Ao contrário, gratifico-me falar de meu aprendizado. Hoje me sinto bem melhor, embora, algumas vezes, solicito a permanência nos ambientes administrativos para aferir minhas próprias reações. Estou mais resistente e consciente do que me espera. Apesar disso, estou aprendendo outro gênero de serviço, pelo qual me encontro profundamente atraído, substituindo o meu interesse pelas

questões organizativas da seara.

— Posso saber qual tarefa tem preenchido seu coração?

— Estou cooperando com vários benfeitores na tarefa de auxiliar médiuns na psicografia, em diversas partes do Brasil. O amor ao livro espírita continua sendo a tônica de minhas aspirações, conquanto agora procure analisar sob aspecto diverso o valor das letras doutrinárias. Minha tarefa consiste em zelar para que uma singela página possa brotar, no mundo físico, revestida de enobrecedores sentimentos. Médiuns anônimos, amantes do bem ou mesmo em desajuste, têm sido alvos de nosso esforço despretensioso.

— Perdoe-me a colocação, mas um homem com sua experiência, o que pode aprender com essa iniciativa?

— O valor do desinteresse e do desapego. Algo que não fez parte de minhas vivências nos roteiros do Cristo, até hoje.

— Confesso minha incompreensão! Com que objetivo esse aprendizado?

— É simples, Marcondes... Muito simples! Renascerei, brevemente, na condição de médium, para ressarcir minha própria consciência... Através da própria psicografia, reverei meus dramas interiores adquiridos em instantes de insanidade e egoísmo pessoal e institucional. Preciso vencer o homem velho que vive em meu campo intelectual. Haveréi assim de aprender a fidelidade e o total desapego das obras personalistas. Venho semanalmente a esta ala. Procuro seguir as orientações de não me envolver em demasia.

— Os pacientes aqui alojados neste setor...

— São líderes da unificação. Com raras exceções, os amigos da unificação que aqui se aportam chegam cansados pelo peso das mágoas. Suas histórias, a exemplo da minha própria, quase sempre, são agravadas pela angústia, quando descobrem não serem tão essenciais o quanto imaginavam aos ofícios de Jesus.

O professor que se mantinha calado até então, manifestou:

— Por isso Inácio o enviou para cá esta noite, Marcondes. A palavra de H. é seu ingresso em novas experiências com lideranças cristãs.

— Uma boa forma de começar, não é, professor?!

— Eu diria uma excelente forma de continuar!

Observando o trânsito de ida e vinda dos pacientes no corredor e passando pelas portas dos quartos, interrogou Marcondes:

— E qual o estado de nossos correligionários?

— Pela fisionomia, você já deve perceber... — foi H. quem respondeu.

— Parecem atordoados.

— “Emburrados”, eu diria.

— “Emburrados”?

— Não se entendiam na Terra, continuam não se entendendo por aqui. Brigam durante o dia e, agora à noite, encontram-se deprimidos e fracos.

— Mas ninguém toma nenhuma iniciativa?

— Se tomarem, logo eles estarão se procurando para “tricotarem”.

— “Tricotarem”?! O senhor quer dizer que continuam suas tricas?

— Sejamos claros!... Tricas, não. Política de bastidor!

— Até aqui existem essas condutas?

— E por que não? A mente adoecida traz para cá suas enfermidades.

— Surpreendente! Como lhe disse, conhecia bem esse comportamento na seara, todavia não imaginava que os unificadores continuassem agindo assim...

— Eu mesmo, quando desencarnei fiz parte de grupo similar na erraticidade. Saudade do ambiente de unificação! Do movimento espírita com todas as suas querelas!

— Como pôde ter saudade disso?

— Esqueceu o tempo que passei presidindo uma entidade unificadora? Mais de duas décadas! Fora um longo trajeto feito antes desta etapa nos rincões da liderança.

— Por vezes, fico tentando entender histórias como a sua, H. Nunca imaginei que décadas de louvor a tão honrosa instituição, ainda mais na condição de presidente, pudessem lhe trazer até esse ponto.

— Estou melhor do que mereço e relativamente feliz considerando o que deixei de fazer, pois o mal que fiz atingiu principalmente a mim mesmo. O movimento espírita, os livros e a instituição unificadora não tiveram prejuízos irreparáveis com minhas decisões. Sendo assim, a vida entregou-me a mim mesmo para aferir meu aproveitamento. E aqui estou revendo conceitos e livre dos cargos. Pronto para o recomeço onde falhei.

— Parece que temos uma ilusão coletiva na seara em relação aos vultos do Espiritismo! Não lhe supunha nessa condição.

— Não tenha dúvidas disso, Marcondes. Para sua reflexão, vou passar o que aprendi a esse respeito. Os vultos do Espiritismo cujos serviços mereceram biografias honrosas nem sempre estavam a serviço do Cristo.

— Não compreendi a assertiva.

— É que os verdadeiros vultos do Cristo, além de servirem à doutrina, serviram ao próximo nas linhas do amor e do sacrifício. Foram almas que aprenderam a sair de trás das mesas para o abraço caloroso de afeto, ou para estender a solidariedade com as mãos fraternais. Poucas biografias, verdadeiramente, acumulam, em seus dados, esse traço indiscutível que promove o servidor da causa espírita à condição de apóstolo incansável da Boa Nova entre os homens. Você constatará, inclusive, que por aqui alguns baluartes inesquecíveis da seara, credores das homenagens e biografias

lavradas pelo movimento doutrinário na Terra, encontram-se em padecimentos atrozes nas mais conturbadas furnas de dor...

— Quando estamos a serviço do Cristo?

— Quando vamos além da casa e servimos à causa.

— Mas a casa também é do Cristo!

— Quando excluímos o próximo da casa do Cristo, ela se transforma no campo estéril de nossas vaidades.

— Seja mais claro, por gentileza.

— O pioneirismo da ação unificadora representa a coragem e o desejo sincero de manter intactos os princípios-luz da doutrina. Historicamente, ela cumpriu o papel a que se propunha: coordenar, reunir esforços dispersos. O preço pago para isso foi a criação de uma forte referência de autoridade para servir de âncora. Contudo, o sistema se tornou tão forte que engoliu as aspirações sinceras de fraternidade. A assinatura do *Pacto Áureo*, em cinco de outubro de 1949, deveria significar o compromisso da unificação em ser o exemplo de uma mentalidade promotora de união, cuja tarefa precípua seria contagiar a seara de alegria e entendimento. O orgulho ensandeceu os pensamentos, e enxergaram-se privilégios em um documento que constituía um clamor ao sacrifício de servir com humildade, diminuir para que a obra do Cristo fulgurasse exuberante. A proposta que deveria balizar a fraternidade legítima, em verdade, criou um colapso no sistema. Para se defender e manter a casa, fomos infiéis com a causa... Sempre com a melhor das intenções... Nesse ponto, falhei amargamente... Poderia assumir a postura de pólo das aspirações de nossos Tutores Maiores, entretanto, preferi a ilusão do momento...

— Que medidas o senhor poderia ter tomado e não tomou?

— Lutar pelo espírito de concórdia legítima com respeito às diferenças, tratar melhor quem não fosse filiado,

ouvir mais a minha consciência, incentivar e apoiar a criação de novas editoras, não distanciar das bases de amor dos centros espíritas, mais gentileza com os médiuns... Em síntese, cuidar melhor das relações, ser afetivo e inclusivo. Poderia, se tivesse ousado, colocar a tarefa unificadora na condição de parceira da sementeira. No entanto, como disse, o sistema ficou maior que nossas forças...

— Creio que, se o senhor fizesse isso, seria literalmente excluído da engrenagem...

— O que seria ótimo para mim! Contudo tive que enfrentar a morte que tem o poder de colocar-nos, inexoravelmente, no lugar que deveríamos ter ocupado durante a vida terrena, destruindo nossas ilusões.

— Mas... e os livros?

— Se eu não fizesse, outro faria. A obra não carece de operários no que tange a missões de natureza coletiva. Sempre haverá alguém ao mister, pois Jesus não coloca sobre a cabeça de um só homem os alvitres que interessam a todos. Talvez, no meu caso, tenha sido apenas o homem certo na hora propícia.

— Ainda bem que não optou por esse caminho. Os livros salvaram e orientaram milhões de vidas. Como dizer que não foi um trabalho de amor? Hoje, a seara lhe deve muito pela sua parcela de devoção.

— Marcondes, na seara do Cristo, ninguém deve nada a ninguém. Se assim o fosse, na minha condição de credor, supostamente poderia efetuar cobranças. A lei é de cooperação abnegada e incondicional. Jesus nada nos devia e passou pelo testemunho da cruz a fim de orientar-nos os passos. Quem o segue deve dispor-se sempre a servir e passar, servir e passar sem cessar.

— Mas, se não houvesse uma representação social digna ante a sociedade, como ficaria o Espiritismo?

— Eis uma questão a debater. De minha parte, fico a

pensar: de que valerá um Espiritismo com representatividade social sem homens para honrar sua mensagem ética?... A igreja acumulou o maior poderio social com sua influência, mas raríssimos dignificaram suas propostas morais.

— Então estaria contra a organização do movimento?

— Não sou contra nada. Sou a favor do amor que desprezei. Não teço críticas aos rumos sociais do Espiritismo, apenas considero a extensão da omissão em relação à sua mensagem. A questão é de *humanização* de nossa seara.

— Por várias ocasiões, tenho ouvido essa terminologia sem compreender-lhe o sentido.

— Quando recebemos o apelo do Mais Alto pela *humanização*, é porque precisamos focar o homem antes das práticas, o homem em direção ao amor.

— Mas e as práticas espíritas nessa ótica, como ficam? Sofrerão enxertias? Qualquer um poderá chegar com sua diversidade, e isso continuará sendo Espiritismo?

— Não, Marcondes. Quando falamos em diversidade relativamente aos princípios doutrinários, pronunciamos-nos, sobretudo, conclamando aos que já formularam conceitos nítidos sobre questões espirituais, para que dilatam seus limites no campo da “atitude de amor”, ou seja, a postura de amar os diferentes e suas diferenças. A palavra de ordem é alteridade, a convivência harmoniosa com a diversidade da vida, particularmente com a diversidade do ser humano.

— Se assim é, por que não escreve a seus companheiros de lide, alertando sobre essas questões?

— Sua ponderação é justa. Quando estamos encarnados, entretanto, preferimos as opiniões pessoais. Leriam minhas palavras e logo acusariam o médium de filtragem imprecisa ou mistificação. Mais a mais, a instituição na qual mourejei está distante do Espiritismo com espíritos, da mediunidade livre e espontânea...

— A que lições o senhor tem se dedicado atualmente?

— Estou aperfeiçoando o que Bezerra de Menezes chama de *lição áurea*: a compaixão. Troquei a escrivinha pelas macas. Através de visitas semanais a este setor, revejo meus atos e amplio meu raio afetivo para com as lutas humanas, comuns a todos em aprimoramento, especialmente aos irmãos de doutrina. Em um mundo de sofrimento como a Terra, a medicação mais requisitada é a misericórdia para com nossas fragilidades. Sem compaixão e tolerância irrestrita, jamais nos entenderemos.

— E qual tem sido seu aprendizado nesse particular?

— Estou percebendo que é imperioso sentirmo-nos responsáveis uns pelos outros. Sem compaixão, não seremos misericordiosos. Sem misericórdia, não suportaremos uns aos outros na continuidade da tarefa. Grande distância medeia entre amor com o próximo e amor pelo próximo. Fui adepto do segundo. Os próximos setenta anos da comunidade espírita revestem-se de um período decisivo. O caráter humanitário prevalecerá. O homem que ama o Espiritismo nem sempre aprendeu como amar seu próximo. A experiência institucional é uma escola para almas cujas lutas convergem para a vitória sobre o interesse pessoal. Por não sabermos lidar com as diferenças, acomodamo-nos na indiferença, base de variados transtornos mentais, defesa psíquica para deixar de sentir o que não queremos. É um mecanismo emocional, seguido da atitude de evitar visibilidade aos sentimentos. A compaixão é viver o que se sente sem receios. O ponto de equilíbrio das emoções em direção ao amor aplicado.

Marcondes silenciou. Percebendo sua expressão de tristeza, indagou o Irmão H.:

— Que houve? Falei algo que não devia?

— São as lembranças. Como doutrinador, falhei terrivelmente nesse aspecto. Os médiuns, para mim, eram “máquinas dos espíritos”. Para mim, indisciplina era motivo de descaso e repúdio. Estranho!...

— Que foi, Marcondes?

— Pela primeira vez, desde que cheguei a este plano, abriguei a curiosidade em saber como se encontram os meus companheiros na carne.

— A compaixão conduz-nos à equanimidade, à diversidade. Lutei muito pelo amor à causa, agora procuro servir à causa do amor. Cobramos demais uns dos outros e esquecemos a indulgência, um dos pilares da caridade, para com nossos confrades. Nossas expectativas são inspiradas no versículo que diz: “*Muito será pedido a quem muito foi dado*”.⁽²⁾ Somente aqui na vida espiritual, interpretei com mais amplitude essa fala evangélica. O texto diz “*Muito será pedido*” e não “*Muito será cobrado*”. Na convivência com os emissários bondosos dessa casa de amor, constatei que a única expectativa que o Mais Alto nutre em relação a cada um de nós, durante a imersão no corpo físico, é que jamais desistamos de aperfeiçoar a nós mesmos. Jamais desistir de nós mesmos! Quanto ao mais...

— Fui um descuidado nesse terreno. As tarefas que conduzi não passavam de espaço de manifestação de meu individualismo. Apesar disso, Nosso Senhor abençoou-me com extrema compaixão.

— Não se cobre tanto, Marcondes. Pouquíssimos de nós saem vitoriosos nesse tema.

— Pelo menos não desisti de realizá-las. Menos mal!

— As tarefas não constituem objetivo em si mesmo. O que importa são as lições educativas, os exercícios afetivos para consolidar a disposição de fazer o bem. As tarefas são campos sagrados de educação dos valores de nossa espécie.

— Confesso ainda não acreditar que alguém com seu trajeto destaque semelhante incômodo íntimo! Se assim foi com o senhor, nem quero saber o que me espera!

— Não pense assim. Com o tempo, a experiência ampliará seu leque de observações.

— E quanto ao amparo, H.? Os trabalhadores da unificação são bem protegidos? Há um amparo especial?

— Claro que sim. Do contrário, não agüentaríamos as ameaças do aprendizado. Ocupar a posição que ocupei, ainda mais por tantos anos, requer muita assistência espiritual. Imprescindível convir, o amparo existe por conta da obra e não por méritos pessoais ou por conta da instituição. A honrosa missão da proposta unificadora no seu contexto histórico foi a de zelar do mais valioso patrimônio espiritual da humanidade, a Doutrina dos Espíritos, e não de homens.

— Sendo assim, por que os benfeitores não o alertaram sobre os perigos da ilusão, chamando-lhe para as falhas das quais hoje o senhor lamenta?

— Eles nunca foram omissos. Advertiram com compaixão. Na minha chegada ao mundo espiritual, criei muita queixa a esse respeito, por não entender a natureza compassiva da participação dos amigos espirituais em minha faina educativa junto à unificação. O tempo mostrou-me a inconveniência da postura. Basta falar na obra “Paulo e Estêvão”, cuja publicação na década de quarenta, quando dava meus primeiros passos em tarefas pela coletividade, encerrava uma mensagem completa sobre os riscos da institucionalização do Espiritismo, como ocorreu com a Casa do Caminho. Essa pérola estava sempre sobre a minha mesa, mas distante de minha atenção e interesse.

Percebendo a exigüidade do tempo, o professor, com manifesta humildade, sugeriu que Marcondes fizesse a última indagação, a fim de não interromper o programa de trabalho do servidor.

— Tenho vivido um drama enorme em relação à pureza doutrinária neste plano. Qual a sua orientação?

— Que busque a pureza dos sentimentos, a honestidade emocional. E, se deseja mesmo saber o que penso, creio, por motivos bem fundamentados, adquiridos

depois da morte física, que nossa necessidade de fidelidade aos textos doutrinários é mais um problema de consciência que de amor!

— Em que aspecto?

— Já adulteramos demais a palavra do Cristo e hoje temos “neurose de lealdade filosófica” – respondeu, humorado, o velho tarefeiro.

— Nunca esquecerei nosso encontro. Sua palavra libertou-me de terríveis conflitos.

— Não é minha palavra. É o magnetismo da verdade que se assenhoreia de seu coração.

A conversa, inesperadamente, teve um instante de suspense. H. olhou pelas janelas, como divisasse ao longe algo muito valioso. Fechou os olhos por uns segundos, fixou o olhar de Marcondes e assinalou:

— O senhor não tenha dúvidas sobre a história. Tudo tinha que acontecer como aconteceu. Somente entendendo o que significa o transporte da árvore evangélica, teremos compaixão com os acontecimentos que talharam o Espiritismo em terras brasileiras. Esteja certo, meu confrade querido, de que, para milhões de almas, se não existisse um ambiente com pujante dose de formalidades e institucionalismo, certamente não se interessariam novamente pela mensagem do Cristo. Fora desse contexto, jamais produziriam algo útil em favor da espiritualização de si mesmos. O Mais Alto sabe disso, eis a razão de serem tão compassivos com homens como eu... O Espiritismo, sem dúvida nenhuma, trouxe luz para os caminhos humanos. Painéis que nunca foram descerrados para o homem terreno passaram a fazer parte do imaginário e das ações de milhões de almas que aderiram aos seus princípios lógicos e confortadores. Todavia, quaisquer arroubos de vaidade quanto à nossa condição espiritual é mera invigilância e descuido, que pode ser comparado a um vaga-lume crédulo na sua condição de campeão da luz, tão somente porque

lampeja aqui e acolá em locais sem luminosidade. Nossa condição, ainda que com a incondicional aceitação da doutrina, é a de aprendizes incipientes nos temas da vida imortal e da evolução, conquanto devamos assinalar que isso não deve exonerar-nos da responsabilidade de ser aquele vagalume disposto a oferecer seu contributo sem pretensões e, persistentemente, rumo aos apelos a que todos somos convocados para a vanguarda.

Ao fim do dia, depois do encontro com Jandira, a visita ao segundo andar e o diálogo com H., Marcondes encontrava-se exausto, embora de bom humor. Chegava o instante do repouso. No outro dia, a rotina o esperava com muito a fazer. Naquela noite, ainda sobrou-lhe tempo para a reflexão. Em meio às intensas lições, recordou-se novamente do anseio em conhecer seu mentor. Quem seria ele? Por qual motivo, até aquele instante, não se pronunciara? Bailando nessas indagações, o discípulo adormeceu com o pensamento no bem.

⁽¹⁾ Identidade do espírito resguardada em função dos familiares ainda reencarnados.

⁽²⁾ Lucas, 12:48.

22

Subsolo 02

"Todo aquele que crer em mim ainda que esteja morto, viverá."

João, 11:25

As histórias do segundo andar impressionaram o novo aprendiz. Algumas horas de visitação, seguidas do instrutivo diálogo com H., incendiaram-lhe a curiosidade. A vida, no entanto, chamava-o a dilatar concepções sobre suas próprias experiências. Foi então convidado, pelo doutor Inácio a visitar o subsolo 02.

— Ninguém pode vir aqui sem um preparo interior.

— Terei condições, Doutor Inácio?

— Hora de medir suas resistências. Mais a mais, aqui se encontra boa parcela de sua última viagem carnal...

— ?...

O ambiente demonstrava a natureza dos casos graves que albergava. Nos corredores, muitos quartos apresentavam-se como celas carcerárias. Não havia enfermaria coletiva. Luzes baixas e gritos pavorosos. Diversas salas cirúrgicas e alguns salões com enorme número de máquinas parecidas com as incubadoras terrenas. Muitos pacientes monitorados por vasto contingente de aparelhos. Doutor Inácio e Marcondes vestiram roupagem anti-séptica apropriada.